



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA- UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DILMA MAURÍCIO DO NASCIMENTO

DA EDUCAÇÃO INDÍGENA À EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA:
REAFIRMANDO OS SABERES ESPECÍFICOS DA CULTURA
POTIGUARA

MAMANGUAPE, PB
2025

DILMA MAURÍCIO DO NASCIMENTO

DA EDUCAÇÃO INDÍGENA À EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA:
REAFIRMANDO OS SABERES ESPECÍFICOS DA CULTURA POTIGUARA

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)–
Campus IV, em cumprimento ao requisito para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia. Sob a orientação do Prof:Dr.
Antonio Alberto Pereira

MAMANGUAPE, PB
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244d Nascimento, Dilma Maurício do.

Da educação indígena à educação escolar indígena:
reafirmando os saberes específicos da cultura potiguara
/ Dilma Maurício do Nascimento. - Mamanguape, 2025.
54 f.: il.

Orientação: Antonio Alberto Pereira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Educação indígena. 2. Educação escolar. 3. Povo
potiguara. I. Pereira, Antonio Alberto. II. Título. UFPB/CCAE
CDU 376

DILMA MAURICIO DO NASCIMENTO

**DA EDUCAÇÃO INDÍGENA À EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA:
REAFIRMANDO OS SABERES ESPECÍFICOS DA CULTURA
POTIGUARA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)– Campus
IV, em cumprimento ao requisito para obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof:Dr. Antonio Alberto Pereira

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO ALBERTO PEREIRA**
Data: 14/05/2025 06:35:56-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

**Prof. Dr. Antonio Alberto Pereira
(Orientador)UFPB**

Documento assinado digitalmente
 **MICHELE GUERREIRO FERREIRA**
Data: 15/05/2025 10:38:52-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

**Prof. Dr. Michele Guerreiro Ferreira
(Examinadora 1) UFPB**

Documento assinado digitalmente
 **JOEL ARAUJO QUEIROZ**
Data: 15/05/2025 07:57:56-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

**Prof. Dr. Joel Araújo Queiroz
(Examinador 2) UFPB**

Mamanguape, 29 de abril de 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus autor de todos os meus sonhos e vitórias, aos meus pais que introduziram em mim uma percepção de luta e determinação para alcançar o que eles mesmos não puderam no campo educacional, criando um caráter particularmente tranquilo.

Ao meu companheiro de vida, por seu diário incentivo para que eu não desistisse ao longo do caminho.

Aos meus mestres, de todos os períodos de ensino aprendizagem, pois cada um construiu em mim um ponto específico, e me possibilitou desvendar por meio da curiosidade, conhecimentos e habilidades ao longo do meu processo de formação. Aos que significativamente me abriram caminhos e se preocuparam além da sala de aula, como seres propagadores de uma humanidade genuína.

Aos meus companheiros de jornada, que se tornou mais que colegas, viraram amigos, ao apoio mútuo ocorrido.

Ao meu povo, O Potiguara da Paraíba donos de uma rica história detentores de muitas heranças e saberes, donos de muitas especificidades, e valores, na cosmovisão dos meus antepassados e dos nossos anciãos, determinantes na formação de minha identidade cultural, na aprendizagem dos saberes, das práticas e domínios das vivenciadas ao longo de minha própria história, da escuta de seus muitos contextos e enraizamento do meu eu cultural.

A todos os encantados que vivem no presente e no passado da existência do meu povo, nas oralidades e histórias, no meio natural, das matas e terreiros sagrados.

Por fim a todos que são responsáveis por meu êxito, meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado com o intuito de evidenciar as riquezas presentes nas práticas de ensino-aprendizagem inseridas na Educação Escolar Indígena, especialmente no contexto da educação do povo Potiguara da Paraíba. Busca-se, assim, promover um movimento de reafirmação étnico-cultural, valorizando a identidade, os saberes e a história desse povo. O objetivo geral da pesquisa é identificar práticas culturais potiguara no contexto da Educação Escolar Indígena. Como objetivos específicos, pretende-se: compreender a conexão entre a educação indígena tradicional e a educação escolar indígena; e identificar as práticas culturais desenvolvidas na Escola Estadual Indígena Akajutibiró, localizada na aldeia de mesmo nome, no município de Baía da Traição/PB. A metodologia adotada foi à abordagem qualitativa, com uso de observação direta e aplicação de entrevistas semiestruturadas com professoras que atuam nas fases da Educação Infantil (maternal, Pré I e II) e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). O referencial teórico fundamenta-se em autores como Brandão (1984), Cardoso e Guimarães (2012), Nascimento (2017), Freire (2001), Barcelos (2014) e Pereira (2020). Os resultados revelam o papel essencial da Educação Escolar Indígena na preservação cultural, no fortalecimento da identidade étnica, na valorização dos saberes Ancestrais e na Conexão entre Território, Espiritualidade e Educação. A pesquisa também aponta a necessidade de ampliar a formação de professores indígenas e de produzir materiais didáticos condizentes com a realidade sociocultural das comunidades, respeitando suas especificidades e práticas tradicionais.

Palavras-chave: Educação Indígena; Educação Escolar Indígena; Práticas Culturais; Ancestralidade; Identidade.

ABSTRACT

This final course paper was developed with the aim of making visible the cultural richness embedded in the teaching and learning practices present in Indigenous School Education, particularly among the Potiguara people of Paraíba. It promotes a broad movement of ethnic and cultural reaffirmation by valuing the identity, knowledge, and history of this Indigenous group. The general objective is to identify Potiguara cultural practices within the context of Indigenous School Education. The specific objectives are to understand the relationship between traditional Indigenous education and formal Indigenous school education, and to identify the cultural practices developed at the Akajutibiró State Indigenous School, located in the Akajutibiró village in Baía da Traição, Paraíba. The research employed a qualitative methodology, based on direct observation and semi-structured interviews with female teachers working in early childhood education (nursery, preschool I and II) and the early years of elementary education (1st to 5th grade). The theoretical framework is based on authors such as Brandão (1984), Cardoso and Guimarães (2012), Nascimento (2017), Freire (2001), Barcelos (2014), and Pereira (2020). The results demonstrate the key role of Indigenous School Education in preserving cultural identity, strengthening ethnic self-recognition, valuing ancestral knowledge, and integrating education with territoriality and spirituality. The study also highlights the need for enhanced training of Indigenous teachers and the development of didactic materials that align with the cultural realities of Indigenous communities.

Keywords: Indigenous Education; Indigenous School Education; Cultural Practices; Ancestrality; Identity.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CCAE – Centro de Ciências Aplicadas e Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE INLUSTRAÇÕES

FIGURA 1, Mapa do Território Indígena Potiguara da Paraíba.....	14
FIGURA 2, Educadores(agentes) das práticas culturais da educação indígena na escola Akajutibiró.....	16
FIGURA 3, Educadores(agentes) das práticas culturais da educação indígena na escola Akajutibiró	17
FIGURA 4, Escola Estadual Indígena Akajutibiró, fonte da pesquisa.....	28
FIGURA 5 gráfico1, gráfico das práticas culturais desenvolvidas pelos educadores entrevistados da escola Akajutibiró.....	29
FIGURA 6, Momento da prática do Toré, turma do pré1.....	31
FIGURA 7, Ritual Toré, em sala de aula, turma 3º ano fundamental.....	31
FIGURA 8, Prática do Toré em sala aprendizagem turma, pré 1.....	32
FIGURA 9 Momento de confraternização, turmas da educação infantil e do Fundamental 1, reunidas em roda de Toré.....	32
FIGURA 10, Confraternização das turmas da educação infantil e Fundamental 1 (roda de Toré)	33
FIGURA 11, Aula de campo, visita aos patrimônios da aldeia Akajutibiró, valorização da história local.....	34
FIGURA 12, Momento de oralidade, contação de contos e lendas do Povo Potiguara da Paraíba.....	37
FIGURA 13, dia de culminância, prática cultural, oralidade, ritual, grafismo, artesanato.....	39
FIGURA 14, Toré, momento de revitalização e unificação identitária entre alunos e educadores.....	40
FIGURA 15, prática do artesanato.....	42
FIGURA 16, Grafismo indígena.....	44
FIGURA 17 Aula de campo a aldeia Forte, visita a anciã Dona Nanci	45
FIGURA 18, Marcha Cultural, Projeto pedagógico e para pedagógico da escola Akajutibiró.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O POVO POTIGUARA DA PARAÍBA.....	13
2. EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO INDÍGENA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	18
2.1 Educação	18
2.2. Educação Indígena.....	19
2.3. Educação Escolar Indígena.....	20
2.4. Entre a Educação Indígena e Educação Escolar Indígena: uma história de vida.....	20
3. AS PRÁTICAS CULTURAIS DESENVOLVIDAS NA ESCOLA AKAJUTIBIRÓ.....	26
3.1 Motivações dpesquisa.....	26
3.2 A Escola Estadual Akajutibiró.....	27
3.3As práticas culturais desenvolvidas na escola Akajutibiró a partir dos relatos das professoras.....	29
.3.1 Oralidade.....	36
3.3.2 Ritual (Toré).....	38
3.3.3 Musicalidade (cantos).....	41
3.3.4 Artesanato (Arte Indígena)	42
3.3.5 Grafismo (Pintura Indígena)	43
3.3.6 Outras Práticas culturais.....	44
Considerações Finais.....	47

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	49
Apêndice.....	50
Anexo.....	54

INTRODUÇÃO

“Você não pode se esquecer de onde você é, e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo”.

(Ailton Krenak)

A Educação Indígena é uma realidade vivida por muitos povos originários do Brasil. Sua identidade manifesta-se nas práticas cotidianas da comunidade entre crianças, adultos e anciãos, como parte essencial do pertencimento cultural. Vivenciar esses saberes dentro da Educação Escolar é atribuir legitimidade às atividades desenvolvidas nas aldeias, fortalecendo o processo contínuo de construção e ressignificação cultural, expressão natural da vida coletiva. Este trabalho busca contribuir com o fortalecimento da identidade Potiguara, oferecendo uma nova leitura sobre práticas culturais já existentes e vivenciadas, dentro do contexto escolar na educação Potiguara. Observa-se que tais práticas vêm sendo inseridas nas ações pedagógicas da Educação Escolar Indígena, influenciando positivamente a formação dos discentes e valorizando os saberes ancestrais no currículo escolar. A prática cultural é a expressão viva da identidade de um povo que resiste há séculos em seu território, preservando suas crenças, valores e modos de ser.

A educação, ao longo de sua história, tornou-se um campo de metodologias que extrapolam os limites físicos da escola. O conhecimento não se limita à sala de aula, mas se manifesta em múltiplos espaços sociais, com diferentes formas de representação e significados.

Especificamente no caso do povo Potiguara da Paraíba, a transmissão de saberes ocorre pela oralidade e pela vivência comunitária. Esses conhecimentos, quando incorporados às ações escolares, tornam-se forma de resistência e continuidade cultural.

O sagrado está presente em todas as fases da vida do povo Potiguara. Na escola, essa dimensão é vivenciada com respeito, sensibilidade e cuidado. As crianças aprendem desde cedo que o território onde vivem é habitado por encantados, entidades espirituais que protegem a mata, os rios, os animais e as pessoas.

O ensino da espiritualidade na escola indígena não está vinculado a uma religião institucionalizada, mas sim à cosmovisão Potiguara, que entende o mundo como uma teia interligada. Essa concepção está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular BNCC (Brasil, 2018), que reconhece o território, a cultura e o meio ambiente como elementos fundamentais da formação integral do estudante. Essa vivência torna a escola um espaço de

resistência, onde o conhecimento tradicional dialoga com o conhecimento científico, sem que um anule o outro.

A Educação Escolar Indígena, nesse sentido, é um ato político, espiritual e cultural de reafirmação da existência e da Identidade Potiguara. A educação indígena dos Potiguaras da Paraíba tem suas especificidades culturais que são mantidas através de seus usos e dos ensinamentos dos anciãos para os mais novos, de forma contínua, de geração a geração, o que possibilita uma manutenção dos costumes, e de suas tradições. A educação sai do chão da aldeia onde sua historicidade se expressa, para o chão da sala de aula, nas metodologias aplicadas, e é transformada em resistência cultural.

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo identificar, no contexto da Educação Escolar Indígena, ações metodológicas relacionadas às práticas culturais do povo Potiguara, aplicadas na didática escolar.

Nesse processo de pesquisa das metodologias de ensino-aprendizagem, foram abordadas temáticas do cotidiano do educador, sua metodologia e introdução das práticas indígenas potiguara em sala de aula no contexto escolar, como o ritual do Toré, a música (cânticos e simbologia), a linguagem (Tupi), o grafismo (pintura corporal), a oralidade (narrativas ancestrais), a relação entre escola e comunidade, arte, meio ambiente e espiritualidade.

1. O POVO POTIGUARA DA PARAÍBA

Com uma história marcada por contrastes e resistência, os Potiguara da Paraíba carregam em sua trajetória um vasto repertório de saberes e práticas que diversificam seu modo de ser e viver. Segundo, NASCIMENTO e BARCELOS, 2017, os Potiguara são detentores de uma historicidade complexa e rica em detalhes, seu reconhecimento como dominadores da área onde estão situados vem de séculos de história e permanência.

“Falar em povo Potiguara traduz-se como “povo comedor de camarão”, aquele que habita as terras de Akajutibiró (caju azedo ou bravo) na Baía da Traição, no litoral norte da Paraíba.” NASCIMENTO E BARCELO, 2017, p.11

Pertencente à família linguística Tupi, o povo Potiguara é conhecido como, “comedores de camarão”, “senhores dos vales”, sua história identifica e contextualiza sua importância como povo indígena, atualmente é formado por mais de 19 mil pessoas, distribuídas em mais de 32 aldeias localizadas no litoral norte do estado da Paraíba, na região do Vale do Mamanguape.

O território se estende pelos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, sendo delimitado ao norte pelo rio Camaratuba, ao sul pelo rio Mamanguape, e a leste pelo oceano Atlântico. Apesar de sua força cultural, os Potiguaras enfrentaram, ao longo de sua história, um processo violento de colonização, que gerou impactos profundos em sua autonomia, valores, crenças e práticas culturais.

A perda de território e a imposição de uma cultura alheia causaram a fragmentação de sua identidade em muitos aspectos. Povos indígenas do Nordeste, como os Potiguaras, sofreram com a dizimação, deslocamento forçado e apagamento de suas línguas e tradições.

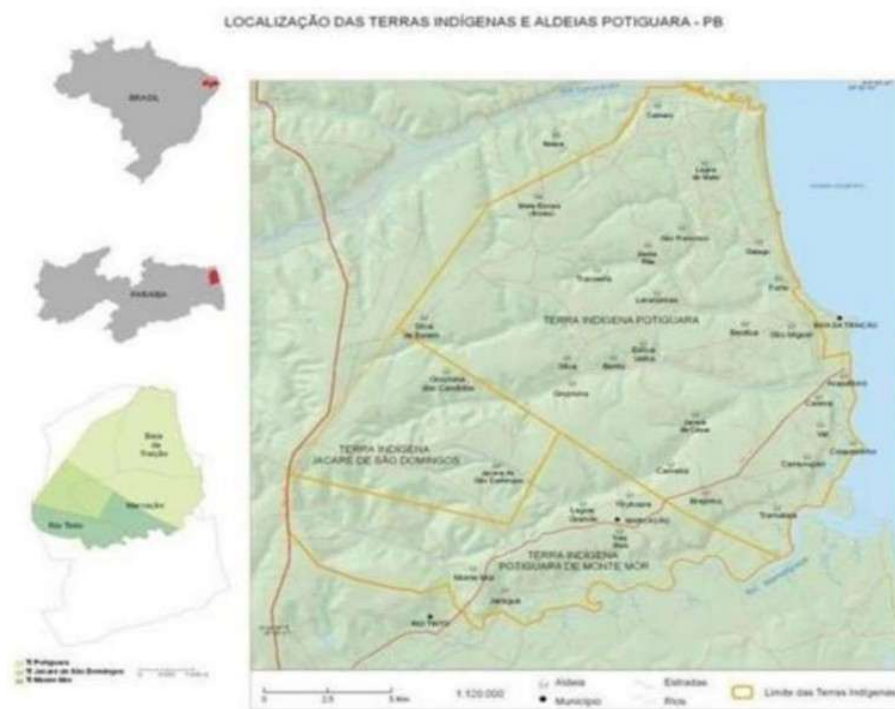
Entretanto, o povo Potiguara resistiu. Por meio de um intenso processo de revitalização cultural, iniciou-se a retomada de práticas como a língua Tupi, o ritual do Toré, a permanência em seu território e a revalorização da espiritualidade. Esses elementos têm promovido a reafirmação da identidade e do direito de ser indígena em sua forma mais plena, enquanto sociedade diferenciada e protagonista de sua própria história.

Para os Potiguara, o território não é apenas um espaço geográfico ele é sagrado, vivo e ancestral. Cada pedaço de terra carrega histórias, memórias e ensinamentos que atravessam gerações. A escola, quando reconhece esse território como fonte legítima de saber, torna-se uma extensão da comunidade e um instrumento de resistência cultural.

Durante as observações realizadas para este trabalho, foi possível constatar que as professoras fazem constantes referências ao território como espaço de aprendizagem. Em atividades sobre o meio ambiente, por exemplo, é comum que as aulas ocorram ao ar livre, próximas a rios, árvores ou áreas de plantio.

Nessas vivências, as crianças são incentivadas a observar a natureza com atenção e respeito, compreendendo que tudo o que existe possui valor espiritual. Esse reconhecimento do território e da ancestralidade como componentes educativos está em consonância com os princípios da BNCC, que orienta a construção de uma educação que considere a diversidade étnico-cultural como um dos pilares da formação do sujeito. Além disso, dialoga com os marcos legais que garantem aos povos indígenas uma educação própria, diferenciada, intercultural e bilíngue, como previsto no Decreto nº 6.861/2009.

FIGURA 9, Mapa do Território Indígena Potiguara da Paraíba



FONTE: Imagem retirada do livro Etnomapeamento Potiguara, pág. 10. Mapa do território indígena potiguara, aldeias, municípios, e localização terrestre.

Este trabalho tem como objetivo geral identificar práticas culturais do povo Potiguara no contexto da educação escolar indígena, e como objetivos específicos compreender a conexão entre a educação indígena, vivenciada como habilidade das práticas culturais dentro da comunidade Potiguara, e educação escolar indígena baseada no desenvolvimento de metodologias de ensino aprendizagem, para assim identificar as práticas culturais desenvolvidas na escola Akajutibiró.

Apresentamos com justificativa a ocorrência da conexão existente entre a educação indígena, aquela que acontece no cotidiano da vida familiar, e na vida social da aldeia, como a educação escolar indígena, que acontece na instituição escola. Para justificar perguntas frequentes direcionadas aos educadores indígenas fora e dentro de suas salas de aula.

–Por que é diferente educação escolar indígena da educação indígena?

–O que diferencia a educação indígena da educação escolar indígena?

–Como se desenvolve e em quais contextos essas práticas culturais são utilizadas em contexto escolar?

O fortalecimento de uma educação escolar que contemple em sua prática metodológica e em seus conteúdos, a história, a cultura, a cosmovisão, espiritualidade da nação Potiguara. É de extrema relevância na garantia da manutenção da cultura, identidade e cosmovisão de um povo.

Utilizamos como metodologia, além da pesquisa bibliográfica, uma abordagem qualitativa, a prática da observação e coleta de informações com perguntas semiestruturadas direcionadas a docentes responsáveis pela fase de ensino infantil, maternal, pré 1 e 2, fundamental 1º ao 5º anos, na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Akajutibiró, localizada na aldeia Akajutibiró, Baía da Traição/PB. Segundo Gil (2002), a pesquisa qualitativa busca compreender a complexidade do fenômeno estudado, explorando as percepções e experiências dos participantes.

Ela se caracteriza pela preocupação com o significado e a interpretação dos dados, em vez da quantificação. Sabemos que a educação é um processo que envolve várias metodologias que norteiam o desenvolvimento de aptidões e conhecimentos em diversas áreas de convívio do indivíduo, a prática e suas didáticas usuais são distintas e específicas para cada sociedade, sua forma de desenvolver maneiras de utilização é o diferencial diante de um currículo nacional pautado em diretrizes padronizadas.

Cada sociedade encontra maneiras de representatividade diante de práticas cotidianas em relação as metodologias de aprendizagem desenvolvidas e aplicadas em sala de aula. Por se

tratar de um tema específico da cultura Indígena Potiguara, e por esta estar em processo de manutenção e desenvolvimento constante, temos muitas práticas étnicas e multidisciplinares nas diversas áreas do conhecimento, vivenciadas por nossos anciões, líderes e comunidade. Vários processos são responsáveis pela construção de conhecimentos científicos no âmbito da Educação Escolar, mas o que diferencia estes é a utilização de processos culturais que fazem parte da cultura de um povo, com suas características empíricas específicas. A Educação Indígena vem das ações e conhecimentos empíricos, a Educação Escolar Indígena faz parte do processo didático baseado cientificamente em um contexto amplo. Desenvolver esta pesquisa dentro deste campo é muito importante, pois proporcionará uma base para novos estudos e a compreensão de que a educação é composta por variados processos e a cultura local faz parte desta atividade.

A proposta deste trabalho é reconhecer a importância da prática cultural existente entre os Potiguara, o conhecimento ancestral de seus anciões transmitidos através da oralidade agregados ao campo científico da educação escolar, sem perder suas características e especificidades como resistência e permanência. Apresentamos aqui as professoras que contribuíram para a realização desta pesquisa:

FIGURA 2. Educadores (agentes) das práticas culturais da educação indígena na escola Akajutibiró



Nome: Aldenívia Santos de Oliveira
Formação: Licenciatura em Pedagogia
Leciona: 5º ano do fundamental



Nome: Antônia Lourenço Fidelis
Formação: pedagogia
Leciona: 3º ano fundamental

FONTE: Elaborada pela autora (2025) educadoras Aldenívia Santos, indígena da etnia Potiguara, professora indígena da escola Akajutibiro; Antônia Lourenço, indígena da etnia Potiguara, professora indígena da escola

Akajutibiró

FIGURA 3, Educadores(agentes) das práticas culturais da educação indígena na escola Akajutibiró



Nome: Roselia Duarte da Silva
Formação: Licenciada em Pedagogia, Pós-graduada em Educação, Especialidades e Culturas Indígenas
Educadora do Maternal por 5 anos
Leciona: Educação Infantil; Pré 1



Nome: Erivânia Lima Barbosa
Formação: Pedagogia
Trabalhou por 3 anos na Educação de Jovens e Adultos (EJA)
Leciona: Maternal



Nome: Ranyeri Lamonier Padilha
Formação: Pedagogia e Administração
Ocupação: Coordenador pedagógico



Nome: Juliana Maria da Conceição
Formação: Licenciatura em Pedagogia
Especialização: Neuropsicopedagogia institucional e clínica, capacitação em Terapia cognitivo-comportamental
Leciona: Profa. cuidadora, 3º ano Fundamental



Nome: Andrea Cândido do Nascimento
Formação: Graduação em Pedagogia, Pós-graduação em Psicopedagogia
Leciona: 1ºano Fundamental



Nome: Claudemira Pereira dos Santos
Formação: Pedagogia e Neuropsicopedagoga
Leciona: 2º ano Fundamental 1 da Escola indígena Akajutibiró, professora da educação inclusiva AEE da escola Antônio Azevedo do município da Baía da Traição

Fonte: elaborada pela autora (2025) educadores: Roselia Duarte, indígena da etnia Potiguara, professora indígena da escola Akajutibiró; Erivânia Lima, indígena da etnia Potiguara, professora indígena da escola Akajutibiró; Ranyere Lamonier, indígena da etnia Potiguara, coordenador da escola Akajutibiró; Juliana Maria, indígena da etnia Potiguara, professora indígena da escola Akajutibiró; Andrea Cândido, indígena da etnia Potiguara, professora indígena da escola Akajutibiró; Claudemira Pereira, indígena da etnia Potiguara, professora indígena da escola Akajutibiró.

2. EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO INDÍGENA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.

Nesta seção, abordaremos o conceito de educação Sobre Diferentes Perspectivas, desde sua concepção mais ampla até as especificidades da educação indígena e da educação escolar indígena. O objetivo é compreender como essas dimensões se articulam especialmente no contexto da cultura Potiguara.

2.1 Educação

A Educação é compreendida como um processo amplo de formação do ser humano em suas dimensões sociais, culturais, afetivas, cognitivas e espirituais. De acordo com Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), é por meio dela que se formam sujeitos aptos a exercer sua cidadania de forma crítica e participativa:

“Em uma sociedade de conhecimento e de aprendizagem, é preciso dotar os sujeitos sociais de competências e habilidades para a participação na vida social, econômica e cultural, a fim de não ensejar novas formas de divisão social, mas, sim, a construção de uma sociedade democrática na forma e no conteúdo” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012, p. 128).

Brandão (1988) destaca que a educação ocorre ao longo da vida, sendo um processo coletivo, contínuo e cultural, em que cada indivíduo se torna sujeito do seu próprio aprendizado. Já para Freire (2001), educar é um ato político e libertador, que exige reflexão, diálogo e transformação:

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2001, p. 32).

O conhecimento, nesse sentido, deve considerar o ser humano em sua complexidade. Como afirma Edgar Morin (2000), o indivíduo é simultaneamente biológico, social, histórico, racional e afetivo. A educação deve, portanto, estar conectada a todas essas dimensões, promovendo uma formação integral.

A Base Nacional Comum Curricular, BNCC(Brasil,2018) também reforça esse entendimento, ao prever uma educação que respeite a diversidade, promova a equidade e desenvolva competências que preparem os estudantes para viver e transformar a realidade em que estão inseridos.

2.2 Educação indígena

A educação indígena é vivenciada a partir da experiência cotidiana, por meio da oralidade, da convivência comunitária, da escuta dos mais velhos e das práticas que envolvem o território, a espiritualidade e a coletividade. Segundo o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998), todas as sociedades indígenas possuem seus próprios processos de ensino-aprendizagem, que articulam momentos formais e informais conforme a cosmovisão de cada povo:

“A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. A comunidade possui sua sabedoria, que deve ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros” (RCNEI, 1998, p. 23).

Para os Potiguara, a educação se expressa por meio do Toré, da língua Tupi, do grafismo, das plantas medicinais, dos ciclos da lua, das histórias contadas pelos troncos velhos¹. Esses saberes são passados de geração a geração como patrimônio coletivo de uma ancestralidade viva e atuante.

A linguagem é considerada como forma de expressão de revitalização da língua nativa, o grafismo entra como arte indígena que se apresenta na utilização de traços da flora e fauna como representatividade de um povo desenhada em sua pele; os artefatos que é a materialização da cultura em forma de arte, e tantas outras práticas que são totalmente fonte de revitalização cultural das experiências e modo de vida de cada indivíduo.

Faz parte da educação indígena o uso das fases da lua para orientação no plantio e colheita, caça e pesca como também a produção de medicamentos e utilização, os cuidados com o meio ambiente e sua espiritualidade que se representa em todas as suas ações. O contexto da educação indígena é, portanto, mais abrangente. Vem de conhecimentos ancestrais repassados através da oralidade, para as comunidades que deles se apropriam e os desenvolve. O povo Potiguara tem uma realidade específica no contexto social, adaptando-se as mudanças do meio, se moldando a modernização diante da globalização.

Sua proximidade com a cultura não indígena acarreta maior complexidade no processo de manutenção cultural. A integração não provoca dissociações culturais, mas a aculturação inicial ocorrida durante a colonização trouxe especificidades distintas para o Potiguara,

¹ Troncos Velhos, caracteriza a dimensão da visão do ancião para o povo indígena potiguara, ser detentor de conhecimentos ancestrais, dono de uma espiritualidade única. Dono dos conhecimentos da cosmovisão de seu povo.

transformando contextos, o que é natural diante das apropriações de uma cultura para a outra. Pois, se observado, este processo ocorre em diversas sociedades, nos mais diversos ambientes do convívio social.

A cultura não se separa de seus autores quando praticada e desenvolvida dentro de seu povo como coletividade, formando e caracterizando sua identidade.

2.3 Educação Escolar Indígena.

A educação escolar indígena surge como uma política de valorização da diversidade étnico-cultural, assegurada por marco legal como a Constituição Federal de 1988, a LDB (Lei nº 9.394/1996) e o Decreto nº 6.861/2009, que garante às escolas indígenas normas próprias, bilinguismo, currículo diferenciado e respeito à territorialidade:

“Art. 3º Será reconhecida às escolas indígenas a condição de escolas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e bilíngue ou multilíngue [...], respeitando o fluxo das atividades sociais, econômicas, culturais e religiosas e as especificidades de cada comunidade” (BRASIL, 2009).

A escola indígena, portanto, deve funcionar como um espaço intercultural, que não apenas incorpora saberes tradicionais ao currículo, mas também promove o protagonismo dos povos indígenas em sua própria educação.

O desafio é garantir que o currículo escolar reflita a realidade e as necessidades do povo Potiguara, contemplando suas práticas culturais, sua espiritualidade, seu território e sua língua, conforme previsto pela BNCC, que reconhece a diversidade como um dos eixos estruturantes da educação básica.

Os agentes educacionais dentro do povo indígena são representados pelos anciões (trancos velhos), educadores das práticas e habilidades empíricas, eles são os detentores do conhecimento e a eles é dado o direito de repasse das práticas orais, crenças, rituais conservação do meio e perpetuação da cultura dentro da comunidade.

2.4 Entre a Educação Indígena e Educação Escolar Indígena: minha trajetória conta, uma história de vida

Partindo da minha história de vida, da minha própria educação indígena, me proponho a responder duas questões: quem sou eu diante do meu povo e quem é meu povo para mim?

Eu sou parte do meu povo assim como este é parte de mim. Sou uma das tantas ramificações da continuidade e persistência de um legado de saberes e práticas. Sou a quarta filha de uma indígena Potiguara com um branco, cresci na natureza, no chão do meu povo, indo e vindo da casa dos meus parentes na aldeia São Francisco.

Lá vivenciei a oralidade e guardei memórias, do tempo que meu povo era índio sem reconhecimento, cultura sem revitalização, continuidade oprimida sem escuta¹. Porém uma coisa que sempre fez parte de mim, ainda sem muitas explicações, sem estudos e sem apropriação, era o ser, eu era parte deles e eles de mim.

O me sentir parte de algo extraordinário sem ainda ter domínio ou uma cosmovisão apurada da historicidade de meus parentes, da minha história.

Saí do meu território por longos anos, para um lugar que tinha a visão do índio como conto de fadas, ou um ser fictício, vivenciei outra cultura, mas sempre mantive viva a essência do meu ser indígena, ainda que houvesse dúvidas dos que me cercavam, gestos como bater na boca e produzir sons anasalados que discriminavam meu eu adormecido, porém existente. eu dizia sempre, sou índia. Nunca de forma alguma matei esta realidade, era meu orgulho, minha identificação. Hoje sei e digo com domínio que esta é minha identidade.

Retornei e vislumbrei algo extraordinário, a opressão ganhou vozes de reafirmação, os índios tornaram-se indígenas, meu povo tornou-se identidade e cultura expressa para toda a nação brasileira.

Quando em 1995, fui para o Rio grande do Norte, o índio era chamado de vagabundo, preguiçoso e cachaceiro, poucos eram os que se identificavam como tal, ninguém queria ser hostilizado e descriminalizado. Ao retornar me deparei com uma realidade maravilhosa. Os índios pertenciam a um povo, tinham uma etnia e dominavam as práticas culturais de sua identidade cultural, eles eram meu povo, os indígenas da etnia Potiguara da Paraíba. Tínhamos um nome e um imenso orgulho de ser indígena.

¹ —Escuta, como conhecimento empírico, diz respeito a escutar as várias características contidas em uma narrativa particularmente cultural, a narrativa de uma fala, sua contextualização no que diz respeito aos valores, saberes, as especificidades e sua historicidade. É saber o significado daquela fala e dar o devido respeito a ela.

Os Potiguara da Paraíba agora eram reconhecidos em todo o território nacional, seu chão agora era contextualização da história e parte da construção de um Brasil indígena.

Tornei-me professora, mas antes de tudo, me tornei educadora indígena dentro do meu território. Aprendi a escutar os meus troncos velhos, meus ancestrais, sua oralidade e saberes, e construí em mim um acervo memorial de habilidades, virei agente cultural dentro de uma escola indígena, o que me faz assim ser propagadora de toda história dos Potiguaras.

O Processo de aprendizagem para um educador cultural nunca termina ele apenas inicia, comecei na educação escolar como educadora do programa Brasil Alfabetizado, trabalhar com jovens e adultos me possibilitou um aprendizado único e diversificado, logo após entrei no curso de licenciatura indígena ofertado pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), O PROLIND., Programa de Licenciatura Intercultural Indígena.me graduando em Ciências da Natureza (Biologia). Segui o aprendizado entre a educação indígena e educação escolar, sempre com o mesmo intuito contribuir com minha cultura, sendo propagadora assim como o tronco que me sustenta.

Eu sou vertente do fluxo indenitário indígena, a minha comunidade assim como as outras trinta de duas, fazem parte de um todo em meu chão. Cada agente divulgador dentro das escolas, universidades, campo de trabalho, dentro ou fora deste chão, fazem e contam a história da etnia que lutou e se manteve, dos senhores dos vales, dos comedores de camarão, daqueles que nunca abandonaram sua essência e identidade.

Eu me reconheço como agente da cultura, da espiritualidade, da oralidade, da riqueza do ser e do fazer indígena Potiguara.

Inspirada pela trajetória vivida entre a aldeia, à oralidade e a resistência, trago uma reflexão íntima: de que forma a minha identidade se entrelaça com a do meu povo?

Eu sou parte do meu povo, assim como o meu povo é parte de mim. Sou uma das muitas ramificações da continuidade e resistência de um legado de saberes e práticas ancestrais. Sou filha de uma mulher indígena potiguara com um homem branco.

Cresci em meio à natureza, nas matas e no litoral, nas águas do mar. Lá vivi a oralidade e guardei memórias de um tempo em que a cultura Potiguara não era reconhecida formalmente, mas seguia viva na prática e na fala dos mais velhos.

Ainda sem compreender profundamente a dimensão histórica do meu povo, eu já sentia que pertencia a algo extraordinário. Mesmo sem o respaldo do reconhecimento oficial, dizia com orgulho: "sou índia".

Hoje compreendo esse sentimento como expressão da minha identidade, construída e reafirmada por meio da convivência e do retorno ao meu território.

Ao voltar para minha terra, percebi uma transformação profunda: o silêncio forçado deu lugar à voz ativa da resistência. O povo Potiguara passou de invisível a protagonista, reconhecido nacionalmente como povo originário detentor de uma cultura singular.

Tornei-me professora, mas antes disso, tornei-me educadora indígena dentro do meu território. Hoje, atuo na escola como agente de preservação e difusão da cultura Potiguara, e me reconheço como parte da força que sustenta nossa ancestralidade.

Assim como as outras trinta e duas aldeias Potiguaras, minha comunidade é parte de uma construção coletiva da identidade de um povo guerreiro. Eu sou voz, sou memória, sou espiritualidade, sou oralidade. Sou herdeira e propagadora da sabedoria dos “troncos velhos”, como chamamos nossos anciãos.

Eles nos ensinam por meio da palavra, da prática, do exemplo e do silêncio sagrado. São eles que perpetuam a memória e a espiritualidade do nosso povo quando era pequena, minha vivência era entre a cidade de Baía da Traição, na praiha e a aldeia São Francisco, onde residiam primos e tios da minha mãe que, por parentesco, se faziam meus. Como regra, eu e meus irmãos subíamos para visitar nossos parentes em São Francisco, com um intuito muito justo, o escambo¹ do peixe em troca das raízes e frutos que nossa área não nos permitia ter.

Lá tomávamos banho de rio, comíamos manga pendurados nos pés das mangueiras, íamos à casa de farinha ajudar e ganhar farinha para trazer para casa. Assim a convivência ocorria, e quando não íamos eles vinham, com cuias de farinha e alguns frutos da terra para nossa casa.

Foi assim que conheci o meu povo, minha história, suas vivências. Tínhamos um tio chamado de tio Zé, um ancião ainda do tronco velho, extremamente espiritualizado, com fala mansa e semblante cansado, cheio de histórias e dono de uma oralidade única. Ele nos deixou alguns ensinamentos, ele dizia sempre a minha mãe.

Minha filha sempre que você for buscar água de 06h00min horas da manhã, 12h00min do dia tenha cuidado com esses vagabundos, eles ficam. Esperando sempre nas cacimbas pra tomar uma sede de água, sempre a primeira tirada de água jogue pra eles (Depoimento do Tio Zé).

¹ Escambo, prática de troca de mercadorias, objetos e alimentos. Muito utilizada pelo povo indígena potiguara, troca e partilha comunitária.

Dizendo isto ele enchia a primeira cumbuca de água e jogava nas margens da cacimba, dando água aos espíritos para que ele não nos fizesse mal. Naquele tempo tínhamos medo e evitávamos esses horários para pegar água. Como um ensinamento dado, o absorvemos como prática para uma vida repassada a cada geração e escrita na memória de cada um.

Minha avó tinha uma fala precisa quando dizia que cada coisa era importante e tinha um significado por trás, sempre quando se tinha uma planta que iríamos cortar, ela sempre falava: — ou flores ou frutos ou sombra darão (Maria Emiliano, vó).

As práticas que adquirimos com a convivência no meio dos nossos é a continuidade da história do nosso povo, está escrita na memória e na ação cotidiana. Os saberes que entram como oralidade são determinantes para a continuidade das gerações futuras. Os anciões detêm um patrimônio completo e específico para cada área de conhecimento e de protagonismo cultural mantendo padrões para o desenvolvimento cultural, mantendo suas características e especificidades.

O respeito é um ponto muito característico entre o Potiguara, o mais velho é detentor de muito conhecimento. De acordo com as fazes da lua, podemos ou não fazer o preparo da terra para o plantio de algumas culturas, ministrar a dosagem de um remédio natural, sumo de alguma planta para curar alguma enfermidade, o resguardo que necessita para a cura, qual planta é a mais indicada e quais misturas não se deve fazer.

Minha mãe sempre ensinou o que aprendeu com seus mais velhos. Duas vezes a cada mês tomávamos um purgante para limpar o sangue e nos livramos de algumas enfermidades; ela nos levava para o quintal debaixo do sol ou na beira da praia sempre sobre o sol. Pois se o remédio fosse ministrado na sombra, limitaria poder sair ao sol, pois segundo o que ela aprendeu faria mal e quebraria o efeito além de poder ser nocivo.

Se for verdade ou mentira nunca pagamos para ver, pois sua fala era lei. Minha mãe dizia: “Daniel, Galego, Dayse e Dilma! Toma esse purgante logo, vá pra baixo do sol que é pra não ter resguardo do tempo. Agora, já sabe, se comer qualquer coisa carregada morre” (Maria do Livramento).

A riqueza do nosso território enchia os olhos. Era grande a variedade de frutas nativas e de vegetação. A subida para a aldeia São Francisco era regada de muita degustação. Tinha o maracujá que dava por quase todo o caminho, os araçás, fruta doce e cítrica ao mesmo tempo. Pelo caminho encontrávamos uma planta chamada angélica que tinha frutos brancos e miúdos, que era docinha, a Maria preta, fruto miúdo, porém com uma poupa generosa e adocicada. Tinha a murta, frutinha vermelhinha e adocicada com uma acidez bem característica. Tinha o murici,

uma espécie com cachos de uma fruta amarelada, quando madura com poupa maceta com um sabor bem diferente, ácida, muito diferente de outros sabores.

Sabíamos o que comer e o que não comer, pois, segundo nossos parentes mais velhos, a planta que não sobe formiga, não é roída por nenhuma espécie animal ou tem colorações marcantes, estas eram venenosas. Quando andávamos para a outra área do nosso território na parte sul tínhamos uma área de dunas cheias de coqueiros, com um manguezal e vários braços de rios, que se chamava Sitio do Melo, na época de infância, hoje chamada de aldeia Akajutibiró, encontrávamos outra vegetação, pés de guajiru, fruta que dá sobre os morros, à beira da praia com poupa fofa e docinha, e para garantir mais sabor tinha a castanha, que fica no interior como um coco saboroso, também o araticum, fruto parecido com uma graviola ou pinha, de sabor marcante e tom alaranjado, os caranguejos amam essa fruta. Tinha cajueiros, coqueiros, pés de maçaranduba, fruta docinha que chegava a dar repulsa. Falando sobre uma visão maior, a riqueza encontrada nessas áreas será insubstituível para as novas ramificações do meu povo.

O rio Sinimbu também território do meu povo, conta relatos dos saberes e originalidade da infância. Os Potiguaras sempre foram pescadores no mar, todos os frutos dele são aproveitados, o marisco das croas de coqueirinho, as ostras incrustadas nas raízes do mangue, o gataplu que é um buzo encontrado na croa, o caranguejo, o aratu das pedras que se pega no escuro, das noites sem lua, pois é mais abundante, o tatuíra ou Tatuí da praia que parece um tatuzinho na areia da praia que é uma iguaria, o siri nas pedras da enseada da prainha e suas ostras que tinham sabor de mar.

Meu povo para mim é mais que história, ele é memória, ancestralidade, vivência e continuidade. Tudo que sou é a formação e enraizamento de costumes e saberes característicos de cada ensinamento adquirido em minha existência. Cada tronco velho que passou por mim deixou seu legado, sua história e sua vida. Sou uma gota no mar de ancestralidades de um povo que se fez reconhecer como guerreiro, pois foi vítima de um genocídio desenfreado, se manteve quando deveria ter sumido, subsistia quando teve o massacre de sua cultura. Ele se fez permanência quando foi expulso de seu território, se manteve presente para os seus, para si e para os outros como povo indígena Potiguara.

3. AS PRÁTICAS CULTURAIS DESENVOLVIDAS NA ESCOLA AKAJUTIBIRÓ

3.1 Motivações da pesquisa

A perspectiva da Educação Escolar Indígena nos desafia a construir um currículo que valorize os saberes da tradição. Como afirma Nascimento (2017, p. 75):

“A pedagogia indígena Potiguara fundamenta-se em compreender a lógica da existência de si, do outro e do cosmo. Trata-se de aprender a viver em sintonia com os elementos essenciais que garantem a sobrevivência da etnia. As situações de aprendizagem se confundem com o cotidiano das aldeias, e o currículo escolar apresenta-se dinâmico, dando destaque aos saberes da tradição.”

Diante disso, esta pesquisa tem como principal motivação compreender se as práticas culturais desenvolvidas na Escola Estadual Indígena Akajutibiró estão, de fato, em consonância com o currículo escolar, e como elas contribuem para a reafirmação da identidade étnica e cultural do povo Potiguara.

Muitas visitas de outras escolas não indígenas e instituições de ensino acadêmico à nossa instituição despertaram questionamentos como:

- O que torna a escola indígena?
- Como se desenvolve a educação indígena?
- Quais elementos caracterizam uma escola como sendo de fato indígena?

Essas inquietações motivaram o olhar investigativo que fundamenta este trabalho. Como professora da disciplina de Arte e Cultura no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), passei a observar de que forma o meu trabalho e o dos demais docentes expressam, na prática, os valores culturais do nosso povo.

A escolha por investigar a primeira fase da educação (Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental) está ligada ao fato de que essas etapas representam o início da formação de conceitos, identidades e atitudes. Além disso, por serem turmas com um único professor regente, tornou-se mais viável a observação sistemática das práticas culturais na visão e ação pedagógicas de sala de aula e segundo currículo apenas estes podem aplicar e desenvolver a regência em suas salas.

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de observações, entrevistas e registros de vivências cotidianas com docentes que atuam nas turmas do maternal, Pré I, Pré II e nos anos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Buscou-se compreender de que forma os saberes tradicionais são transmitidos e vivenciados dentro do espaço escolar, valorizando as práticas não formais que ocorrem na formalidade da sala de aula.

Sendo está uma escola indígena, localizada em território indígena e com uma comunidade escolar majoritariamente formada por pessoas da etnia Potiguara, torna-se ainda mais necessário refletir sobre o papel da escola na promoção da cultura e na continuidade da ancestralidade.

3.2 A Escola Estadual Akajutibiró

A Escola Estadual Indígena Akajutibiró localiza-se na aldeia de mesmo nome, pertencente ao povo Potiguara, no município de Baía da Traição, no litoral norte da Paraíba. Divisa com as cidades de Marcação e Mataraca. Encontra-se numa área de transição fluvial e oceânica, a oeste encontra-se com uma vasta área de várzea com uma pequena faixa de manguezais, com dois rios cortando este espaço, o rio Sinimbu e o rio Estivo. Ao leste e sul, a faixa litorânea das dunas e maré com um vasto manguezal.

Essa instituição atende a comunidade local desde os anos iniciais até a Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo um espaço de fortalecimento da identidade indígena e de valorização dos saberes tradicional.

A escola possui um quadro de professores em sua maioria composto por indígenas, o que contribui significativamente para que o ensino ocorra de forma contextualizada, respeitando os valores culturais, espirituais, ambientais e históricos do povo Potiguara.

A metodologia deste trabalho seguiu uma abordagem qualitativa, com ênfase na observação participante e na escuta sensível das professoras que atuam nas fases iniciais da educação.

A observação das práticas pedagógicas foi realizada nas turmas do maternal, Pré I, Pré II e nos anos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. As entrevistas semiestruturadas permitiram que as educadoras compartilhassem suas vivências, estratégias e desafios no desenvolvimento de atividades que valorizam a cultura indígena.

As informações obtidas foram registradas por meio de anotações de campo e registros escritos da oralidade. Em seguida, foram organizadas em categorias de análise a partir da escuta ativa e da presença constante da pesquisadora na escola.

O processo de análise buscou compreender como as práticas culturais são integradas ao currículo escolar, e de que forma essas experiências contribuem para o fortalecimento da identidade Potiguara.

FIGURA 4, Escola Estadual Indígena Akajitibiró, fonte da pesquisa.



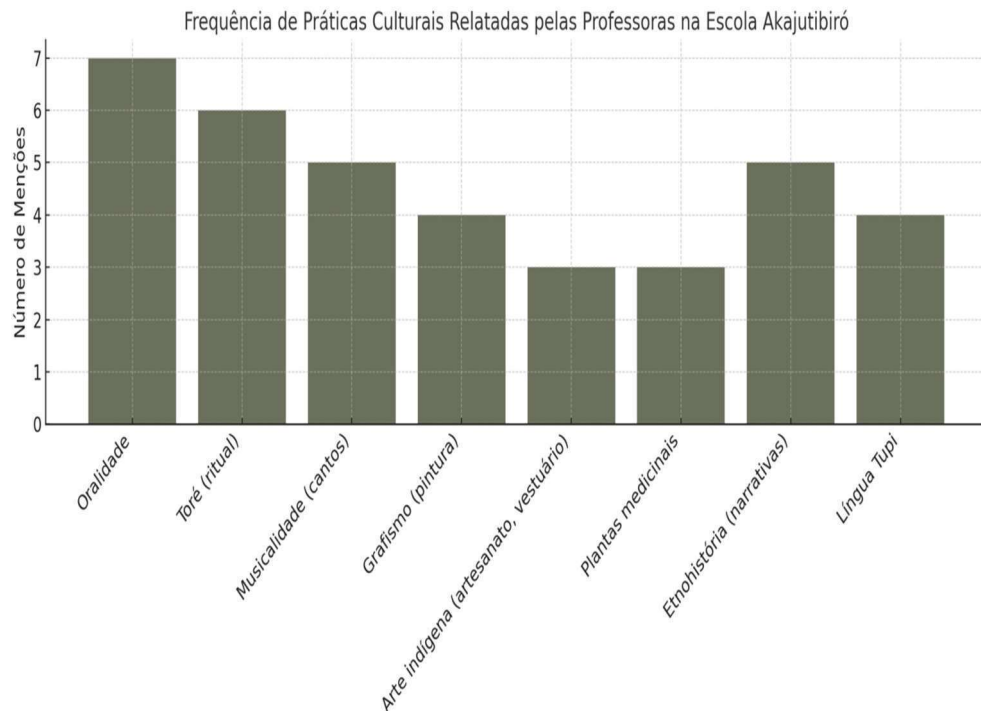
Fonte: Cacique Francinaldo Ferreira Candido. Escola Akajutibiró,

A escola abrange várias modalidades de ensino: Educação Infantil, pré I, II; Educação Básica; Ensino fundamental I anos iniciais, 1º, 2º, 3º, 4º, 5º; II anos finais, 6º, 7º, 8º, 9º; Ensino Médio 1º, 2º, 3º regular; Ensino Modalidade EJA, anos iniciais Ciclo I, 1º, 2º, 3º; Ciclo II, 4º, 5º; anos finais Ciclo I, 2º e 3º e II, 4º e 5º, correspondentes ao ensino fundamental 1, III 6º, 7º; Ciclo IV 8º, 9º; Ciclo V, 1º, 2º; e Ciclo VI, 3º.

Todas as professoras regentes das turmas estão registradas para desenvolver as cinco disciplinas do currículo regular, Português, Matemática, ciências, Geografia e História, e de acordo com o currículo específico das escolas indígenas é acrescentada ao currículo geral arte e cultura, que é trabalhada a parte da cultura indígena e Etnohistória que trabalha tanto a historicidade do povo Potiguara quanto outros povos indígenas. Também como disciplina específica o Tupi que é lecionado por um professor individual, este durante a semana desenvolve suas aulas uma hora em cada turma assim completando o currículo específico das escolas indígena.

3.3 As práticas culturais desenvolvidas na escola Akajutibiró a partir dos relatos das professoras e Coordenador Pedagógico.

FIGURA 5, Tabela 1 Gráfico das práticas culturais desenvolvidas pelos educadores entrevistados da escola Akajutibiró



Fonte: Autora do trabalho desenvolvido como base de dados para a divulgação e organização das práticas, utilização, desenvolvimento e frequência das atividades dentro de sala como metodologia de ensino aprendizagem.

O gráfico tem como base os relatos das professoras e coordenador Pedagógico da Escola Akajutibiró. Ele representa a frequência com que cada prática cultural foi mencionada durante a pesquisa, sua constância e importância, e seu desenvolvimento. Algumas práticas foram mencionadas por quase todas as educadoras que se habilitaram a responder e participar da pesquisa, por outro lado esta percepção de citações mais representadas, não anulam ou diminuem a importância das demais práticas, um dos pontos observados durante a pesquisa foram as aptidões de cada educadora diante da aplicação e desenvolvimento das atividades culturais.

- A oralidade aparece como a prática mais recorrente.
- Seguida do Toré e da musicalidade (cantos).
- Com grafismo, língua Tupi e etnohistória também fortemente presentes.
- O artesanato teve apenas duas citações.
- Educação ambiental (plantas medicinais) duas citações.
- Etnohistória (narrativas) historicidade em contexto do território, política apenas citado em contexto da oralidade.

- A língua Materna (Tupi) apenas comentada nas narrativas. Foi a prática menos desenvolvida durante a observação para obtenção da pesquisa (A disciplina específica entra na grade curricular das turmas pesquisadas, porém é ministrada por um professor especialista na língua Tupi).

Uma vez por semana o grupo de educadoras com seus respectivos discentes se reúnem debaixo de um cajueiro dentro do terreiro da escola, para o momento cultural. Nesta atividade as professoras dialogam com seus alunos a respeito da importância do Toré, fazendo perguntas e questionamentos, abrindo direito às falas e a curiosidades.

A oração do Pai nosso é feita e como uma metodologia do ensino aprendizagem é repassado algumas regras dentro do Toré como a importância do círculo e porque este é feito, como se deve dançar e a forma de se comportar, pois o Toré é um ritual cultural que merece respeito.

O povo Potiguara passou por séculos de colonização este processo agregou a sua identidade um contexto, de práticas não indígenas, o cristianismo passou a ser característica identitária em seu cotidiano, aldeamentos, ensino da religião católica, nomes e padroeiros, santos para suas aldeias, e o pai nosso que caracteriza o início do ritual do Toré.

Trabalhar a cultura na escola permite não apenas o reconhecimento de sua existência e resistência, mas também o respeito à diversidade cultural, é fundamental apresentar as crianças os povos indígenas como parte dessa sociedade, com história, tradições e saberes próprios, destruindo estereótipos e construindo uma base sólida de respeito e valorização das diferenças (Prof.^a Andrea Cândido - Fundamental 1).

FIGURA 6, Momento da prática do Toré, turma do pré1



Fonte: Professora Roselia, pré 1 – Prática semanal do Toré na sombra do cajueiro da escola Akajutibiró. A Dinâmica desta atividade prática, dialoga com o conhecimento ancestral do repasse de conhecimentos culturais adquirido dentro das comunidades, nas aldeias potiguara, e em formações docentes.

FIGURA 7, Ritual Toré, em sala de aula, turma 3º ano fundamental



Fonte: Professora, Antônia do 3º ano do fundamental 1 em momento de apreciação do Pai Nosso na língua tupi, forma de desenvolvimento, aprendizado respeito do ritual Toré.

FIGURA8, Prática em sala, Ritual do Toré, momento de aprendizagem, oralidade.



Fonte: Professora Rosélia, Escola Akajutibiró. Prática de vivência .do ritual Toré com a turma do pré 1, momento de aula sobre a importância do Toré

Ensinar cantos e danças tradicionais explicando seu significado espiritual e social, proporcionando uma vivência direta da cultura (Prof.^a Antônia Lourenço Fidelis - fundamental 3ºano).

Figura 9, Momento de confraternização, turmas da educação infantil e do Fundamental 1, reunidas em roda de Toré



Fonte: Professora Joane, Escola Akajutibiró Roda de Toré realizada pelas crianças da Educação Infantil, junto com comunidade

Fazer educação escolar indígena é viver a cultura na prática, fortalecendo e valorizando nossos costumes e vivências dentro de nosso território e fora dele, pois temos que implantar na cabeça de nossos estudantes que eles podem ser o que quiserem e o se quiserem (Ranyeri Lamonier Padilha - Coordenador pedagógico).

A dinâmica nem sempre é cumprida por todos os discentes, alguns gostam de se fazer presentes, outros não, porém a prática cultural é ofertada a todos, o que inclui funcionários de outros setores da escola.

Outra prática observada em conjunto com o Toré é a música entoada ou cântico, com o uso dos instrumentos o maracá e o bombo, que dá ritmo ao ritual. Observa-se que não tem um padrão rítmico, muitos não acompanham, porém o fazer já excede sua grandeza na percepção de se fazer cultura.

Figura 10, Confraternização das turmas da educação infantil e Fundamental 1 (roda de Toré)



FONTE: Professora. Joane. Momento da prática do ritual toré como socialização com educandos, educadores e comunidade (anciãos)

No nosso cotidiano, da nossa escola, trabalhamos a cultura diariamente não é só no fazer, mas também em cada contexto. Com a dança do Toré e as músicas, é uma prática que adotamos como rotina semanal, toda segunda feira, reunimos todas as turmas e fazemos o nosso acolhimento, dançando e cantando o Toré debaixo do pé de cajueiro ou no ginásio da escola (Prof.^a Roselia Duarte da Silva, Educação Infantil; Pré 1).

A oralidade também é percebida como prática metodológica do ensino aprendizagem, como adaptação para o ensino de gramática, leitura e interpretação textual, as lendas e histórias do povo Potiguara são utilizadas como aportes metodológicos dentro e fora de sala já que o terreiro da escola também serve e é utilizado como sala de aula. As narrativas são introduzidas e recebem total atenção dos alunos, ocasionando interação, questionamentos e discussão.

O objetivo é apresentar aos alunos aspectos da cultura do povo Potiguara, promovendo o respeito à diversidade étnica e cultural, trabalhando a identidade indígena como parte viva da sociedade brasileira, estimulando a oralidade e a expressão artística das crianças e enriquecendo o repertório cultural dos educandos (Prof.^a Andrea Cândido - Fundamental 1).

A turma junto às professoras sai pela aldeia da nossa escola, onde são mostrados alguns pontos principais e relatado sua história. Como: a primeira igreja da aldeia e sua história, nosso posto de saúde e como conseguimos trazê-lo, nossa escola. E tudo isso sendo relatado por um responsável por cada um deles (Prof.^a Claudemira Pereira dos Santos, 2º ano fundamental).

FIGURA 11, Aula de campo, visita aos patrimônios da aldeia Akajutibiró, valorização da história local



Fonte: Registro da Escola Estadual Indígena Akajutibiró, Instagram. Momento de aula de campo, aos patrimônios materiais da aldeia Akajutibiró, desenvolvendo o senso de pertencimento, território e história

A importância de se conhecer a história dos Potiguara é especificamente necessária para seus curumins, promover o diálogo entre a ancestralidade e historicidade contidas nas lendas e oralidade, é apresentar à importância dos anciãos, determinando o futuro e representando o presente que está na infância para formar a identidade cultural das novas gerações, tomando base na ancestralidade que se conquista e se perpetua as gerações futuras e seus conhecimentos se perpassam.

Trabalhamos a história do povo Potiguara, através da cotação de histórias (contos e lendas), comadre florzinha, as bruxas de coqueirinho, também trazemos anciãos mais velhos para dar palestras e contar suas vivências, fazem aula de campo com os alunos dentro e fora de nossas aldeias (conhecer as plantas medicinais, com dona Nanci), conhecer um pouco de sua história de vida, conhecer a extração de marisco na aldeia coqueirinho (Prof.^a Roselia Duarte da Silva, Educação Infantil; Pré- 1).

Determinar a forma que se desenvolve e se aplica os conhecimentos empíricos, está fora da realidade acadêmica, uma vez que este se difunde socialmente sem estudos científicos e dependem unicamente do repasse indivíduo a indivíduo, se faz na propagação popular como conhecimento informal. Trazer práticas cotidianas e desenvolvê-las em sala de aula como metodologia de aprendizagem não está explicado em cartilhas ou discriminado em livros didáticos, cada povo tem suas formas de repasse de conhecimentos.

Os professores indígenas ou que trabalham em escolas indígenas tem um caminho diferenciado para aplicar e relacionar todo o conjunto de práticas culturais, uma vez que a educação dentro das escolas indígenas tem duas abordagens, e ambas não podem se separar. A educação indígena que vem dos saberes e do cotidiano cultural e social da etnia a qual está inserida, a outra abordagem e a metodologia da educação escolar, que segue parâmetros, regras e currículo com base nacional.

O educador desta área tem que ser preparado para esta atividade, pois sua desenvoltura determina o ganho ou a perda de conhecimentos no que diz respeito ao ensino aprendizagem, e esta perda ou ganho são determinantes tanto para a educação escolar, quanto para a educação cultural do alunado.

Faz-se necessário observar a questão desde o início de tudo, ou seja, a formação acadêmica e cultural do professor da escola indígena. Temos que ter profissionais que realmente entendam do movimento indígena Potiguara, das lutas de nosso povo, de nossas conquistas e do que estamos batalhando para ter até o exato momento (Ranieri Lamonier Padilha, Coordenador pedagógico).

Ainda segundo o Coordenador, Ranyere, para ajudar na formação educacional, pedagógica e cultural de nossos estudantes, todos os conteúdos disciplinares precisam estar conectados com a cultura e práticas culturais cotidianas do povo Potiguara:

Para formar um estudante em uma escola indígena, se faz necessário uma gama de pontos a serem trabalhados nas disciplinas em sala. Todas elas devem estar se desenvolvendo atrelada a vivência de nosso povo Potiguara, pois só existe um povo se existir cultura e práticas culturais cotidianas. O nosso maior intuito dentro da escola indígena, é ajudar na formação educacional, pedagógica e cultural de nossos estudantes, tornando assim jovens dentro do movimento que buscam estarem presentes em cada movimento indígena com prazer de estar ali mostrando a sua identidade e se auto identificando, guerreiro de sua etnia (Ranyere Lamonier - coordenador pedagógico).

A formação deste professor vai determinar se este terá êxito em sua metodologia e sua didática consiga alcançar o ponto certo ou aproximado para a formação de seus discentes, seres atuantes dentro e fora de sua cultura, com senso crítico e protagonismo, educandos que sejam

capazes de se determinar como seres culturais com identidade própria, o que é determinante para seu futuro.

Adaptamos o material didático de acordo com a etnomatemática, uso dos elementos indígenas locais para potencializar a aprendizagem, valorização da cultura, da identidade e da história dos povos indígenas (prof.^a Aldenívia Santos de Oliveira - 5º ano Fundamental).

Para a fase final da pesquisa, apenas sete professores e o coordenador Pedagógico, entregaram seus relatos para a análise dos dados, condição necessária para identificar um padrão de ações metodológicas que descrevem as práticas do dia a dia da cultura indígena potiguara. A consolidação de um currículo específico é dinâmica e precisa da colaboração de todo corpo docente, em todas as suas fases de ensino, porém as primeiras fases detêm a capacidade de preparar o aluno para moldar a prática como habilidade em seu cotidiano.

De acordo com a análise dos relatos e as citações das práticas no mesmo, observasse que algumas práticas ganham mais visibilidade do que outras são mais utilizadas e que estão sendo inseridas dentro da Educação Escolar:

3.3.1 Oralidade.

A oralidade está presente desde os primeiros contatos da criança com o mundo, quando ela começa a perceber os sons, a fala e o ambiente em que vive. Nas turmas de maternal e Pré I, as crianças aprendem músicas tradicionais potiguara, histórias contadas pelos mais velhos e palavras da língua Tupi, favorecendo a construção de uma identidade cultural desde cedo. Uma professora do Pré II relatou que, ao trabalhar as fases da lua em sala de aula, utilizou a narrativa dos mais velhos sobre a influência da lua no plantio e na pesca. Ela explicou:

“Conto para os alunos que a lua nova é tempo de plantar macaxeira, e que na lua cheia o mar está bom para pegar peixe.”

Essa prática revela o diálogo entre o saber ancestral e o conteúdo escolar, mostrando que a oralidade é um recurso pedagógico e uma forma de comunicação da cosmovisão Potiguara. Todas as professoras entrevistadas percebem a oralidade como ponto importante da cultura como inserção em seu cotidiano de sala de aula.

Figura 112, Momento de oralidade, contação de contos e lendas do Povo Potiguara da Paraíba



Fonte: Professora Roselia, pré 1, Momento de vivência oralidade em narrativas. Lendas do povo Potiguara

No cotidiano e durante a semana de estudos sobre a cultura indígena potiguara, realizamos as seguintes atividades: a história dos patrimônios culturais através das imagens e roda de conversas, cotação de lendas Potiguara como forma de valorização da tradição oral indígena. Também a música e a dança tradicional escutam e reprodução de músicas indígenas, a movimentação corporal livre (Prof.^a Andrea Cândido - Fundamental 1).

A fala é o processo de repasse das tradições de uma sociedade, sua conversação determina o ganho ou a perda de contextos ancestrais, determinantes para o uso do ser e do fazer cultural dentro do povo indígena, caracterizando este pertencimento, as falas dos anciões são determinantes para a manutenção de seu povo, e é nesta estrutura que é solida e variável de acordo com a estrutura criada por cada etnia para seu desenvolvimento e pertencimento. O grande agente propagador desta característica cultural é o ancião, as lendas, experiências, fazeres, os —causos, como se deve agir nas matas, fazer plantios, cuidar do solo, sobre os encantados, tudo como um conjunto bem elaborado é oralidade e se expressa na fala e escuta.

A cultura dos ancestrais tem por alicerce o respeito à sabedoria dos — troncos velhos. Estes são os anciões que prudentemente perpetuam o legado étnico cultural repassado como herança pelos seus pais e avós. —Pelo cultivo da tradição oral um cabedal de crenças e valores foi disseminado junto às práticas cotidianas de cada aldeia Potiguara. NASCIMENTO; PALHANO, Etino Educação Potiguara. Cap, 2; p.23

A tradição oral cultural está presente em todas as sociedades, o que diferencia esta como prática é a valorização de suas especificidades dentro do seu cotidiano. Para um povo muitas vezes essa ação torna-se o único registro de uma cultura. Esta tradição é detentora de um capital sociocultural de saberem reunidos e acumulados coletivamente,

um arquivo de memórias que é perpetuado ao longo das gerações e é transmitido geração após geração. A oralidade não é apenas uma forma de expressão, ela tem o papel de propagador cultural, atua como provedora da existência do grupo em que se desenvolve. De acordo com Pereira (2020, p. 130): —Por muitas gerações, os anciãos vêm passando para os mais jovens tudo que aprenderam com os índios mais velhos, visando, assim, ao fortalecimento das tradições.

Os narradores da tradição detêm um vasto conhecimento ancestral. Os anciões, dominadores da fala estão inseridos com um olhar direcionado à cosmovisão de suas ancestralidades, ligando o passado ao presente, garantindo continuidade para as futuras gerações, perpetuando as crenças e valores, praticadas na cotação de histórias, escuta e ação. Para Barcelos (2014, p. 43), — a espiritualidade indígena, cálice inesgotável de sabedoria, é conservado, perpetuada por meio dos mitos, ritos e da memória. As histórias contadas pela oralidade cultural de um povo traz um conjunto de conhecimentos que trabalham socialmente a espiritualidade, no processo da ritualística, Do respeito ao sagrado dos Potiguaras, suas matas, terreiros, sua fauna, o mistério que está entre o chão das matas e o espiritual, a produção das medicinas da natureza, as plantas que mesmo sendo venenosas produzem cura, as lendas que novamente ligam o indígena ao seu lado ancestral, as práticas dos saberes que constituem o jeito de ser e fazer cultura no dia a dia dentro das aldeias Potiguara. A oralidade é o conhecimento contido e transmitido pelo falar e o escutar, a multiplicidade dos repertórios possibilita e perpetua a historicidade e manutenção do povo Potiguara.

3.3.2 Ritual (Toré)

Outro elemento recorrente nas observações foi o ritual do Toré, presente em celebrações e momentos especiais na escola. As professoras relataram que as crianças aprendem, desde cedo, os cânticos sagrados e os movimentos circulares do Toré, entendendo seu valor espiritual e cultural.

Todos os relatos dos docentes apresentam a mesma informação sobre a escolha de um dia para a prática semanal do ritual do Toré, como ação conjunta das turmas, colaboração entre docentes, educandos e funcionários da instituição.

FIGURA 12, dia de culminância, prática cultural, oralidade, ritual, grafismo, artesanato



Fonte: Dados da pesquisa de campo com docentes da Escola Akajutibiró

O estudo sobre a cultura Potiguara em sala de aula possibilitou a valorização da identidade indígena e o fortalecimento de práticas pedagógicas que provêm o respeito à inclusão e o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Ações como estas são essenciais para formar cidadãos conscientes, críticos e respeitosos desde a infância (Prof.^a Andrea Cândido)

A ritualística do Toré é caracterizada pelas manifestações e performances dos movimentos corporais, canto e sons instrumentais, apresentam-se como espaço para difusão e reafirmação da diversidade e resistência do povo Potiguara dando apropriação e domínio a aspectos culturais característicos de sua identidade formando seu caráter social.

Como a maior representação identitária dos Potiguaras, o Toré se caracteriza como expressão ritualística no grande processo que se deu durante a retomada da tecnicidade como indígena, uma ligação entre ancestralidade e atualidade, entre o sagrado espiritual e o cotidiano. Conforme Nascimento; Barcelos (2017, p. 17), oportunidade em que a etnia Potiguara promove reflexão sobre seu passado, dialogando com os ancestrais e sobre o seu presente, pois vivenciam uma cultura de resistência.

O Toré não é um simples movimento cultural, ele tem mais significado que um simples ritual, este é movido pela sintonia do indígena associado com a natureza, assim possibilitando a renovação entre ambas como energização e vitalidade para a vida Potiguara. Traduzindo por sua vez momento de vitória e triunfo para a coletividade sendo assim cultivada a tecnicidade.

O Toré traz em sua dinâmica uma especificidade distinta dentro da cultura indígena potiguara, é o movimento cultural que engloba todas as práticas culturais de domínio da

identidade, a espiritualidade que invoca seus ancestrais para a roda, a reza do pai nosso, o movimento corporal da dança que se caracteriza como reverência coletiva a ancestralidade, a música entoada pela oralidade e o som instrumental dos artefatos musicais, o maracá feito de cuité ou coco, o bombo feito de madeira com coro de bode, o grafismo que se representa como tatuagem na pele e conta a história da riqueza da historicidade de seu povo, da flora e fauna local, e a arte indígena que se representa no Instrumentário presente na saia de embira de jangada, também no cocar de penas e fibras vegetais, nos colares de cimentos e brincos. Assim, a cada passo e canto entoado com os pés descalços em contato com a mãe terra é contemplado sua permanência e continuidade, fortalecendo seu povo e sua identidade.

FIGURA 13, Toré, momento de revitalização e unificação identitária entre alunos e educadores



Fonte: Prof.^a Joane, roda de Toré, culminância, da semana de conscientização indígena da escola Akajutibiró, semana em que todas as escolas indígenas desenvolvem, palestras com autoridades do povo Potiguara, anciãos, desenvolvem práticas culinárias, artesanato, grafismo e oralidade.

É importante que as crianças vivenciem no dia a dia a nossa cultura através da prática na sala de aula. Toda segunda feira nos reunimos debaixo de um cajueiro, formando uma grande roda, para cantar e dançar o Toré com os nossos curumins (Prof.^a Erivânia Lima Barbosa - Maternal).

De acordo com Pereira (2020, p. 14): Uma das expressões culturais mais significativas e hoje cultuadas é o Toré Potiguara, sinal de confraternização, mas também de luta, sendo, sobretudo, um ritual religioso o qual simboliza o sofrimento e as perseguições enfrentadas [...] O Toré

constitui a vitalidade da etnia Potiguara, que este é um ritual sagrado de agradecimento, luta, festa, reivindicação e esperança.

3.3.3 Musicalidade (cantos).

A música também está profundamente inserida no cotidiano escolar. Canções em Tupi e cantigas de roda indígenas são utilizadas para ensinar conteúdos diversos e manter viva a língua originária. Uma educadora do 1º ano comentou:

“A gente canta o nome das frutas em Tupi, e as crianças aprendem brincando. Elas gostam, repetem em casa e até ensinam aos pais.”

O canto, ou a música utilizada para o ritual do Toré tem características voltadas para a grande riqueza da cultura dos Potiguaras, as letras são construídas com ênfase na religiosidade cristã, obtida durante os anos de colonização a qual o Potiguara foi submetido, mas também tem suas especificidades na espiritualidade indígena, mas com nuances da religiosidade africana, devido à miscigenação cultural ocorrida durante a chegada e permanência dos africanos, hoje Afro-Brasileiros pós-processo de mistura de culturas e raças. A melodia segue o som do bombo, flauta e do maracá, a entonação depende da letra cantada.

Músicas utilizadas no Toré dos Potiguara

Quem pintou a louça-fina foi a flor da Maravilha Pai, Filho, Espírito Santo Filho da Virgem Maria
▪Sou tupã, sou tupã, sou potiguara. Sou Potiguara nessa terra de tupã. Tenho uma arara, caraúna e Xexéo, Todos os pássaros do céu quem me deu foi tupã, foi tupã, foi tupã, sou potiguara.
▪Caboquinha da jurema eu dancei no seu Toré, para me livrar das flechas do tapuia Canindé. Oh reis, Canindé, oh reis Canindé, palmas de jurema aos reis Canindé.
▪Oh! Mãe de Deus, oh rei dos mares (2x) Oh! Mãe de Deus, minha mãe soberana (2x) Oh! Mãe de Deus olha aqui meus curumins (2x) Eu sou morubixaba ela é Cunhataí (2x) reina, reina, reina, reina reôa reina, reina, reina, reina reôa

Fonte: Autora

3.3.4 Artesanato (Arte Indígena)

A Arte indígena ou artesanato indígena potiguara é um campo rico, cheio de representatividade, assim como a oralidade e o grafismo se faz. Uma vez que a expressão cultural dos Potiguaras depende de sua arte para caracterizar e adornar sua cultura para sua, ou para outras sociedades, assim como representada na imagem 14, pode ser desenvolvida em vários contextos e representada como ação cultural para reafirmação da identidade dos Potiguara.

FIGURA 14, prática de artesanato e grafismo indígena Potiguara



Fonte: redes sociais da escola Akajutibiró. Representações simbólicas em pinturas utilizando o grafismo, com urucum e jenipapo e elementos como pó, areia, barro.

Fonte: Professores da Educação Infantil – Akajutibiró

O cocar de penas de aves, ou da fibra de carnaúba recentemente introduzido como artefato faz parte do acervo material cultural, também o maracá que embala os passos e os cânticos na roda de Toré e é fabricado com diferentes matérias como cabaças, à quenga do coco e a cuité que também é uma espécie de cabaça, no seu interior é introduzida sementes duras ou seixos de pedras, também um cabo para apoio. da mão, o que lhe dá seu som característico de chuva forte caindo na terra. Os brincos também se utilizam das fibras vegetais, sementes, e penas em suas confecções, assim como os colares, tornozeleiras torniquetes para os braços e pulseiras, a saia de embira de jangada também faz parte da arte potiguara, são cortados troncos, depois de inseridos dentro da água de rios ou córregos, após alguns dias a fibra que é a casaca

solta do tronco e batida e lavada, ficando só a fibra que é a base para a confecção da saia indígena.

A variedade é infinita para a produção e representação da cultura por meio da arte da criação, os quadros dos artistas plásticos potiguara, são outra fonte de representação, a terra e seus tons diferentes também são utilizados nesta criação artística, as fibras de cipó e palhas que montam filtros dos sonhos, luminárias, abajur e outros.

“O artesanato também faz parte da cultura indígena Potiguara, sendo feito a partir de matérias extraídas da natureza, tais como sementes, penas, palha, escamas de peixes etc. Essas matérias-primas são transformadas em brincos, pulseiras, colares, saias, cocares, entre outros adornos” (PEREIRA, 2020, p. 17).

3.3.5 Grafismo (pintura indígena)

O grafismo Potiguara aparece nas atividades artísticas, sobretudo nas pinturas corporais feitas em datas comemorativas. Os símbolos são explicados pelas professoras como representações da natureza, dos animais e dos encantados que protegem o território. Ao pintar o rosto ou o corpo, as crianças aprendem o significado de cada traço, e essa vivência torna-se um momento de empoderamento e orgulho cultural.

Grafismo tem sua importância dentro das práticas de expressão, ela retrata de forma simbólica a identidade territorial do povo Potiguara. Uma característica muito marcante na realidade do indígena é a visão que este tem de território. Segundo Nascimento; Barcelos (2017, p. 130), —pintar o corpo faz parte da tradição e retrata a história da etnia. Através das simbologias o Potiguara evoca no corpo a marca dos antepassados.

FIGURA 16, grafismo indígena Potiguara



Fonte: autora, o grafismo representa um ponto muito importante na cultura indígena Potiguara, apresenta, seu território, espiritualidade, liderança, união

O território conota e direciona a percepção de terra não apenas como fronteiras geográficas, o Potiguara tem como território sua cosmologia, sua existência, sua percepção de natureza está sendo a natural das terras, matas, rios, mare, lagoas, dunas manguezal, croas, dos animais e sua diversidade, mas também da política de sua organização, dos direitos e deveres, do domínio cultural dentro de sua tecnicidade, do céu e de seus astros, das estações, da vida, da união em sociedade e sua coletividade, da Morte e do encontro com a ancestralidade, com os encantados nos tornando um.

O grafismo representado é apresentado por traços em preto e vermelho, pigmento extraído do jenipapo manso e do urucum, a tracejada fala sobre a riqueza do território, a unidade do coletivo, a força de suas lideranças, a beleza da natureza seus caminhos lutas e vitórias.

3.3.6 Outras práticas culturais

FIGURA:17, Aula de campo a aldeia Forte, visita a anciã Dona Nanci



Fonte: Professora Joane, Aldeia Forte, aula de campo com visita à anciã e parteira Dona Nanci.

A diversidade das práticas retrata uma dinâmica muito forte dentro da escola Akajutibiró, além das mais praticadas como é o caso da oralidade, Toré, cantos, artesanato e grafismo, o desenvolvimento de atividades paradidáticas, representadas pelas aulas de campo, com o ensino da educação ambiental tanto na conservação do meio ambiente, quanto no aprendizado da utilização das plantas medicinais. O Projeto Marcha cultural, e pôr fim a formatura indígena.

FIGURA 18, Marcha Cultural, Projeto pedagógico e para pedagógico da escola Akajutibiró



Fonte: Redes sociais da Escola Akajutibiró (Instagram, Facebook)

Marcha cultural na Escola Akajutibiró, com participação dos estudantes. Projeto desenvolvido ao longo do ano letivo, engloba todas as práticas culturais desenvolvidas como metodologia de ensino aprendizagem em todos os níveis da educação da escola Akajutibiró.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consolidação de um currículo específico e dinâmico, precisa da colaboração de todo corpo docente, em todas as suas fases de ensino, porém, as primeiras fases detêm a capacidade de preparar o aluno para moldar a prática como habilidade em seu cotidiano. De acordo com a análise dos relatos e as citações das práticas dele, observa-se que algumas ações culturais ganham mais visibilidade do que outras, umas são mais utilizadas o que garante sua inserção dentro da Educação Escolar:

Tendo em vista de todos os aspectos que foram discutidos neste trabalho com base em todo o processo de observação e coleta de dados, se identificam alguns padrões metodológicos tanto no desenvolvimento das dinâmicas em sala de aula e fora dela, quanto na organização de seus agentes.

A realidade observada dentro da Educação Escolar Indígena, na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Akajutibiró, apresenta uma caracterização distinta dentro da Educação Escolar do povo Potiguara.

Todas as salas de aula contam com o número mínimo de educandos, característica respeitada e aceita pela gerência regional de ensino, pois uma das regras estabelecidas para as escolas indígenas e poder funcionar sem serem afetadas pelo quantitativo presente em sala de aula.

A escola conta com os seguimentos da educação infantil; Maternal, Pré-1, Pré-2 e fundamental I anos iniciais e finais, uma vez que a nível Estadual todas as escolas perderam esta fase de ensino, sendo responsáveis apenas pela fase do fundamental, Ensino Médio, e EJA. A escola não é só responsável pelo currículo de ensino da Educação Indígena Potiguara, ela se responsabiliza pelo ensino do currículo da base nacional de educação e de todos os programas desenvolvidos por ele.

Os educadores assim como nas escolas de ensino regulares não indígenas precisam ser preparados para desenvolver um duplo currículo, com formação acadêmica e específica. Com um currículo específico a escola Akajutibiró desenvolve ao longo do ano projetos disciplinares didáticos e paradidáticos, como grupos de Toré, semana de conscientização Indígena, Marcha Cultural.

Um dos pontos de análise mais negativo deste trabalho é a percepção e constatação de que mesmo com um grande reconhecimento étnico cultural, as escolas indígenas têm poucos materiais didáticos direcionados ao ensino aprendizagem de suas práticas, orais, artísticas,

ritualísticas e simbólicas. O que dificulta o trabalho das docentes em sala de aula. O trabalho das docentes é pautado em uma conscientização cultural e étnica e este é o maior desafio dos educadores da fase inicial da escola Akajutibiró, pois são muitas especificidades que ditam as práticas da educação indígena, adaptar o contexto cultural para as metodologias e didáticas do currículo base é um dos processos mais complicados da educação escolar, uma vez que inserir as práticas da educação potiguara não pode causar a anulação do ensino aprendizagem esperado, sabendo-se que a escola conta com alunos indígenas potiguaras e também alunos não indígenas. Praticar a cultura é um dos maiores ensinamentos e legado que uma sociedade pode receber de herança, a consciência de que além dos terreiros das aldeias essas habilidades podem ser adquiridas em contextos metodológicos em sala de aula caracteriza um processo de fortalecimento cultural, está nas mãos dos agentes (professores) desenvolverem maneiras de aplicar esses conhecimentos adequando à realidade cotidiana.

Ainda há muitas barreiras a serem quebradas, muitas melhorias a serem feitas nesse contexto educacional, mas, uma realidade é vivenciada entre os saberes e as práticas de cada agente, a coletividade que une ações e desenvolve metodologias para a conscientização e revitalização da educação nas práticas do povo indígena Potiguara da Paraíba.

O trabalho das docentes é pautado em uma conscientização cultural e étnica e este é o maior desafio dos educadores da fase inicial da escola Akajutibiró, pois são muitas especificidades que ditam as práticas da educação indígena, adaptar o contexto cultural para as metodologias e didáticas do currículo base é um dos processos mais complicados da educação escolar Indígena, uma vez que inserir as práticas da educação potiguara não pode causar a anulação do ensino aprendizagem.

Praticar a cultura é um dos maiores ensinamentos e legado que uma sociedade pode receber de herança, a consciência de que além dos terreiros das aldeias essas habilidades podem ser adquiridas em contextos metodológicos em sala de aula caracteriza um processo de fortalecimento cultural, que está nas mãos dos agentes (professores) desenvolverem maneiras de aplicar esses conhecimentos adequando à realidade cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Luzival. Práticas educativas religiosas dos Potiguaras da Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a organização da Educação Escolar Indígena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 maio 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro (Orgs.). Etnomapeamento dos Potiguaras da Paraíba. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 42. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza SEABRA. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. 10. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NASCIMENTO, José Mateus (Org.). Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições. 2. Ed. João Pessoa: Ideia, 2017.

PEREIRA, Alberto Pereira. Cultura e sustentabilidade do Vale do Mamanguape: livro paradidático para educação básica. João Pessoa: Editora da UFPB,

APÊNDICE

RELATOS DAS EDUCADORAS DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA

AKAJUTIBIRÓ

Este apêndice apresenta os relatos das educadoras indígenas da Escola Estadual Indígena Akajutibiró, localizada no território Potiguara, no município de Baía da Traição/PB. Os depoimentos foram coletados como parte da pesquisa e refletem as práticas pedagógicas cotidianas que valorizam e reafirmam os saberes tradicionais do povo Potiguara.

Proposta para elaboração de relato do docente.

“A cultura dos potiguara está diretamente ligada ao seu cotidiano, dentro e fora das salas de aula. Suas manifestações culturais representam suas especificidades e distinguem sua educação dentro de sua sociedade, a educação indígena torna-se escolar, sem perder suas características identitárias. segundo sua metodologia como você desenvolve esta prática em sala de aula? Qual a sua importância para a cultura do povo Potiguara”.

1. Claudemira Pereira dos Santos

Formação: Pedagoga e neuro psicopedagoga

Etnia: Indígena Potiguara

Função: Professora do 2º ano do Ensino Fundamental I e professora da Educação Inclusiva

Relato:

1. Primeiro dia, a turma junto às professoras faz pela aldeia da nossa escola, onde é mostrado alguns pontos principais e relatado sua história. Como: a primeira igreja da aldeia e sua história, nosso posto de saúde e como conseguimos trazê-lo, nossa escola. E tudo isso sendo relatado por um responsável por cada um deles.
2. Roda de conversa com um ancião da aldeia
3. Oficina de confecção dos adereços indígenas
4. Pinturas corporais e seus significados
5. Confecção de maquetes da escola, posto de saúde, igreja entre outros.
6. Culinária indígena e plantas medicinais
7. Culminância, apresentação de tudo que foi trabalhado, o ritual do toré e as comidas típicas.

2. Roselia Duarte da Silva

Formação: Licenciatura em Pedagogia, pós-graduada em Educação, Especialidades e Culturas Indígenas

Função: Professora da Educação Infantil – Pré I Relato:

- No nosso cotidiano, da nossa escola, trabalhamos a cultura diariamente não é só no fazer, mas também em cada contexto. Com a dança do toré e as músicas, é uma prática que adotamos como rotina semanal, toda segunda feira, reunimos todas as turmas e fazemos o nosso acolhimento, dançando e cantando o toré debaixo do pé de cajueiro ou no ginásio da escola. A educação escolar indígena não se restringe a sala de aula, mas também ao ar livre embaixo de uma árvore é muito proveitoso e satisfatório. Trabalhamos a história do povo Potiguara, através da contação de histórias (contos e lendas), comadre florzinha, as bruxas de coqueirinho, também trazemos anciãos mais velhos para dar palestras e contar suas vivências, fazemos aula de campo com os alunos dentro e fora de nossas aldeias (conhecer as plantas medicinais, com dona Nanci), conhecer um pouco de sua história de vida, conhecer a extração de marisco na aldeia coqueirinho.

É importante trabalhar a cultura indígena dentro das escolas para manter as tradições de um povo, é importante que comecemos pelas crianças para que se tornem adultos conhecedores e praticantes da cultura.

3. Erivânia Lima Barbosa Formação: Pedagogia Função: Professora do Maternal

Relato:

É importante que as crianças vivenciem no dia a dia a nossa cultura através da prática na sala de aula. Toda segunda feira nos reunimos debaixo de um cajueiro, formando uma grande roda, para cantar e dançar o toré com os nossos curumins. Temos inserido também aula de campo, fazemos visitas aos anciãos, onde é compartilhado a história da nossa aldeia, como era feito os remédios com as ervas medicinais. trabalhando através de figuras a história da aldeia e as ervas medicinais através de materiais concretos (folhas, flores, sementes cascas, raízes), para sentir as texturas e os cheiro diferente de cada erva. Trabalhando em sala as pinturas da nossa cultura Potiguara, através de figuras e tracejados para cobrir, da folha da jurema, colmeia, utilizando papel ofício, cola e pó de café para cobrir os desenhos.

4. Aldenívnia Santos de Oliveira

Formação: Licenciatura em Pedagogia

Função: Professora do 5º ano do Ensino Fundamental

Relato:

-O processo dentro da escola na sala de aula se dá através da valorização da cultura potiguara, é feita por meio de atividades que fortaleça a identidade local como a contação de histórias, palestras com anciões, lideranças sobre a importância das atividades indígenas para a comunidade, canto e dança do toré.

Jogos indígenas como arco e flecha, corrida da tora, arremesso de lança, cabo de guerra. Adaptamos o material didático de acordo com a etnomatemática, uso dos elementos indígenas locais para potencializar a aprendizagem, valorização da cultura, da identidade e da história dos povos indígenas.

5. Ranyeri Lamonier Padilha

Formação: Pedagogia e Administração

Função: Coordenador Pedagógico

Relato:

-Diante ao questionamento pautado, se faz necessário observar a questão desde o início de tudo, ou seja, a formação acadêmica e cultural do professor da escola indígena. Temos que ter profissionais que realmente entendam do movimento indígena Potiguara, das lutas de nosso povo, de nossas conquistas e do que estamos batalhando para ter até o exato momento. Para formar um estudante em uma escola indígena, se faz necessário uma gama de pontos a serem trabalhados nas disciplinas em sala. Todas elas devem estar se desenvolvendo atreladas a vivência de nosso povo Potiguara, pois só existe um povo se existir cultura e práticas culturais cotidianas. O nosso maior intuito dentro da escola indígena, é ajudar na formação educacional, pedagógica e cultural de nossos estudantes, tornando assim jovens dentro do movimento que buscam estar presentes em cada movimento indígena com prazer de estar ali mostrando a sua identidade e se auto identificando guerreiro de sua etnia. Fazer educação escolar indígena é viver a cultura na prática, fortalecendo e valorizando nossos costumes e vivências dentro de nosso território e fora dele, pois temos que implantar na cabeça de nossos estudantes que eles podem ser o que quiserem e o se quiserem.

6. Antônia Lourenço Fidelis

Formação: Pedagogia

Função: Professora do 3º ano do Ensino Fundamental

Relato:

-Incentivar o uso e o ensino da língua tupi dos Potiguara, nas atividades, por meio de músicas, contação de histórias, palavras do cotidiano e produção textual. Contar mitos, lendas e histórias dos anciãos da comunidade. Atividades como rodas de conversa, dramatizações e vídeos com relatos dos mais velhos. Artesanatos, trabalhos manuais com materiais naturais, como missangas, sementes e palhas, pinturas corporais e símbolos. Aulas de campo, explorar os alimentos típicos da cultura Potiguara, como beiju, peixe frutas nativas e mandioca. Ensinar cantos e danças tradicionais explicando seu significado espiritual e social, proporcionando uma vivência direta da cultura. Conexão com a natureza através de atividades ao ar livre, convidar lideranças Potiguara, como caciques, professores indígenas, artesãos e contadores de história.

7. Juliana Maria da Conceição

Formação: Licenciatura em Pedagogia, especialização em Neuro psicopedagogia, capacitação em Terapia Cognitivo-Comportamental Função: Professora cuidadora (3º ano)

Relato:

- A princípio, todas as segundas feiras antes de iniciarmos as aulas, nos reunimos em roda de toré, onde temos danças, cantigas e histórias contadas. Esses momentos tornam-se importantes porque nossas crianças venham desde cedo aprender a importância do Povo Potiguara. Em sala de aula também trabalhamos conteúdos voltados para nossos costumes, as pinturas corporais e seus significados, como é feita a produção de tinta o nome do fruto que se extrai a o pigmento do jenipapo, temos também o açafrão. Os objetos utilizados para a fabricação dos acessórios indígenas são, sementes, penas de pavão e outras aves, ossos dentes de animais e embira de jangada, com esses objetos são feitos, cocas, pulseiras, colares e brincos. Por fim temos também aulas de campo, visitas aos anciãos da aldeia, que em conversas, aprendemos lendas, vivenciadas por eles, e costumes, passados de geração a geração.

8. Nome: Andrea Cândido do Nascimento

Formação: Graduação em Pedagogia, Pós-graduação em Psicopedagogia Leciona: 1ºano fundamental.

Relato:

Este relatório apresenta as ações pedagógicas realizadas com os alunos do 1ºano do Ensino Fundamental 1, com foco nas práticas culturais do povo indígena potiguara. Tem como base a base da cultura originária do Brasil, proporcionando aos alunos um contato respeitoso, educativo e lúdico com a rica herança cultural potiguara.

Trabalhar a cultura na escola permite não apenas o reconhecimento de sua existência e resistência, mas também prove o respeito a diversidade cultural, é fundamental apresentar as crianças os povos indígenas como parte dessa sociedade, com história, tradições e saberes próprios, destruindo estereótipos e construindo uma base sólida de respeito e valorização das diferenças.

O objetivo é apresentar aos alunos aspectos da cultura do povo Potiguara, promovendo o respeito a diversidade étnica e cultural, trabalhando a identidade indígena como parte viva da sociedade brasileira, estimulando a oralidade e a expressão artística das crianças e enriquecendo o repertório cultural dos educandos.

No cotidiano e durante a semana de estudos sobre a cultura indígena potiguara, realizamos as seguintes atividades: A história dos patrimônios culturais através das imagens e roda de conversas, contação de lendas Potiguara como forma de valorização da tradição oral indígena. Também a música e a dança tradicional, esculta e reprodução de músicas indígenas, a movimentação corporal livre.

O estudo sobre a cultura Potiguara em sala de aula possibilitou a valorização da identidade indígena e o fortalecimento de práticas pedagógicas que provem o respeito a inclusão e o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Ações como estas são essenciais para formar cidadãos conscientes, críticos e respeitosos desde a infância.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o discente de graduação DILMA MAURÍCIO DO NASCIMENTO, do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Centro de Ciências Aplicadas e Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, que posso ser contatada pelo e-mail dilmamauricio.romualdo@gmail.com e pelo telefone celular (83)988673737. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com Educadores Indígenas Potiguar da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Akajutibiró, visando, por parte do(a) referido(a) discente a realização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será transcrita, anotada, sistematizada e analisada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica. Que os dados obtidos podem posteriormente a apresentação e aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC serem publicados para fins de estudos acadêmicos, estudos escolares ou estudos comunitários. O anonimato dos participantes será assegurado se os mesmos solicitarem a sua privacidade. O discente providenciará uma cópia do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC impressa ou digital para cada entrevistado. Além disso, sei que não receberei nenhum pagamento por esta participação, nem ao ser contactado, nem durante e nem ao final da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Assinatura

Baía da Traição – Paraíba, ____ de ____ de 2025